

O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS EM SALA DE AULA POR MEIO DO GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Thalitta Mascarenhas Custódio Dias (UEMS)

thalittamcd2@gmail.com

RESUMO

Ter consciência da multiplicidade cultural que compõe as dinâmicas sociais permite vislumbrar a construção real e honesta da língua no contexto atual. Bagno (1999) menciona os efeitos da canonização da norma padrão como fator prejudicial à formação do aluno enquanto cidadão. Possenti (2013) ratifica o caráter heterogêneo da língua em toda a sociedade, negando a existência de uma única variedade que trate o restante das formas como meros erros, uma vez que esta é uma ferramenta viva, em constante processo de desconstrução e reconstrução. Considerando o fato de que os alunos chegam à escola com suas falas, utilizando, predominantemente, a forma coloquial – inclusive quando a transfere para a escrita, é pertinente sugerir a organização do trabalho em sala de aula em torno do funcionamento da língua enquanto prática de reflexão acerca de seu uso, de modo a ressignificar a prática pedagógica. O presente trabalho busca analisar as variações linguísticas e suas interfaces com o ensino, expandindo perspectivas acerca do seu uso por meio do gênero Histórias em Quadrinhos, com vistas a ressignificar a concepção de como os sentidos são construídos e podem emergir por meio da leitura de textos multimodais.

Palavras-chave:

Multiplicidade cultural. Funcionamento da língua. Histórias em quadrinhos.

1. Introdução

As mudanças e transformações que ocorreram na sociedade ao passar dos séculos, com destaque no quesito tecnológico, atribuíram um novo formato às dinâmicas sociais e interação discursiva. Desse modo, o objetivo principal do presente trabalho é analisar o funcionamento da linguagem no contexto atual e o seu ensino por meio das Histórias em Quadrinhos.

No âmbito de sala de aula, hoje contemplamos uma vasta diversidade cultural – fator que exerce influência, inclusive, sobre a linguagem. Gêneros textuais foram criados, repaginados, e os alunos – nativos digitais – chegam à escola com uma bagagem que lhes confere marcas expressivas de sua identidade, com informações relevantes para a organização do professor do ponto de vista metodológico.

Diante disso, muitos podem questionar: como utilizar a linguagem? O que é certo? O que é errado? Existe uma única maneira correta de se falar? Tais levantamentos encontram fundamentação, no artigo em pauta, em Possenti (2013) e Bagno (1999), a partir dos quais explanamos acerca da instabilidade da língua em detrimento de uma única variedade que trate as outras como erros.

Assim, a reorganização do trabalho realizado em sala de aula, cuja perspectiva passa a ser voltada para o funcionamento da língua mediante a prática discursiva, constitui uma proposta positiva e promissora que foge do modelo mecanicista de ensino em que o professor é o detentor absoluto do saber e passa a ser o mediador, incentivando o protagonismo dos estudantes na construção de novos saberes.

Para tanto, foi escolhido o gênero Histórias em Quadrinhos, a partir da personagem Chico Bento e sua turma, a fim de desenvolver o estudo acerca do uso da linguagem, visto que é bastante atrativo por mesclar a linguagem não verbal em suas narrativas, além do fato de tratar com humor questões que fazem parte do cotidiano de crianças e adultos, representando uma ferramenta de grande valia para o estudo da língua enquanto base de socialização.

2. *As variações linguísticas e o ensino de Língua Portuguesa na escola*

Considerando a pluralidade cultural, social e de outros fatores relacionados à linguagem, revela-se a importância de desdobrar, no âmbito escolar, o português brasileiro, de modo que os alunos desenvolvam sua percepção acerca dos efeitos do uso da língua portuguesa no contexto atual. Sob a perspectiva de Bagno (1999), os efeitos da canonização de uma variante linguística, bem como a conduta de estabelecer um único modo de falar como soberano e excepcionalmente digno de estudo tornam-se extremamente prejudiciais à formação do aluno enquanto cidadão. A concepção de que existe uma maneira certa e uma errada de falar é amplamente propagada em todas as áreas de conhecimento, ideário linguístico difundido há mais de dois mil anos e que ainda exerce influência negativa sobre a sociedade brasileira, em detrimento de pouco mais de 100 anos de estudo sobre as variantes e o funcionamento da linguagem, partindo da corrente estruturalista, no início do século XX. Conhecer bem o modo como falam as pessoas que vão à escola e ter consciência da bagagem sociocultural apresentada pelos alunos são requisitos

básicos que possibilitam ao professor de língua portuguesa realizar um diagnóstico sociolinguístico para, a partir de então, compreender o que precisa ser ensinado e o que não precisa, haja vista a relevância de instruir os estudantes acerca do que ainda não sabem, a partir de um projeto educacional consistente e sagaz, de modo a reconhecer a primazia do discurso nas dinâmicas sociais, considerando a língua uma ferramenta viva, construção humana em constante processo de transformação, manifestada pelo sujeito nas mais variadas comunidades de fala. Possenti, em uma reportagem à Revista Língua Portuguesa, cujo título de seu artigo é: “A língua (não) é dos falantes” afirma:

Talvez a única verdade indiscutível em relação às línguas é que não são faladas uniformemente por todos. A heterogeneidade social implica, ao menos concorre, na heterogeneidade linguística – em todas as sociedades! Seria simplificador supor (e impor) uma única variedade, tratando o restante das formas da língua simplesmente como erros. Mas o resultado mais interessante da consideração da variedade da língua é que ela pode ser tratada juntamente com sua mudança. (POSSENTI, 2013, p. 44)

A partir da prática realizada em sala de aula, é possível verificar que cada aluno chega à escola com falas diversificadas, utilizando, predominantemente, a linguagem coloquial – inclusive, quando a transfere para a escrita, fator que pode obstruir o entendimento, dada a variante sociocultural à qual estão inseridos. Tal constatação alvitra inferir o porquê de tantos alunos ainda não dominarem a norma padrão que requer o exercício da escrita, o qual, diferentemente da fala, provém de um processo de aprendizagem formal que demanda procedimentos metodológicos e prática contínua. Dessa forma, expor sistematicamente aos alunos as variações linguísticas por meio do ensino da língua portuguesa passa a auxiliá-los no conhecimento acerca das mudanças e transformações que influenciam o uso adequado da linguagem conforme as necessidades da comunidade de pessoas que a emprega, subsidiando-os com o suporte necessário para que tenham condições de reescrever a fala utilizando a norma culta, como também os instiga a substituir o conceito de certo ou errado pelo de variação e mudança da língua. Tal asserção pode ser fundamentada por Bagno (1999):

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da *identidade cultural* da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres *humanos que a falam*, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade

varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. (BAGNO, 1999, p. 16)

Diante da conjuntura elucidada, é válido salientar que o uso do termo norma-padrão tem sido proposto para designar o conjunto de regras gramaticais padronizadas e erigidas como modelo a ser seguido para o “bom uso” da língua (LUCCHESI, 2002; FARACO, 2002; cf. BAGNO, 2003, para uma proposta mais radical de terminologia); entretanto, este não constitui, por sua vez, um modelo de “língua certa”. Ao afirmar que a língua apresenta variação, concorda-se com o juízo de que ela é heterogênea, múltipla, variável e instável, e encontra-se em constante desconstrução e reconstrução. Trata-se de uma atividade social empregada pelos falantes cada vez que interagem por meio da fala ou da escrita (BAGNO, 1999, p. 36). Logo, o ensino de língua portuguesa volta-se a uma perspectiva discursiva na qual a linguagem é abordada de maneira flexível, dialógica, interativa, social e cognitiva, de encontro à postura excessivamente estrutural e fragmentada da língua, a qual valorizaria apenas a norma padrão, não respondendo ao contexto social. Não se trata, simplesmente, de incentivar alunos de classes populares a utilizarem somente suas variedades linguísticas, sem introduzi-los ao uso da norma padrão, mas, sobretudo, a auxiliar na compreensão da estrutura, funcionamento e uso da língua não só como instrumento de comunicação, mas também de poder, de constituição da identidade individual e coletiva, com todas as suas variedades: sociais, regionais e situacionais.

Dessa forma, tal panorama de mudança e transformações permite constatar a necessidade de organizar o trabalho em sala de aula em torno do uso da língua, considerando os eixos da leitura, da produção oral e escrita e da gramática, esta compreendida como uma prática de reflexão sobre a língua e o seu funcionamento, atividade essencial para aprimorar o desempenho dos alunos no que tange à leitura e produção de textos – à volta dos quais se constitui o ensino, possibilitando ao indivíduo a capacidade de desenvolver e ampliar uma perspectiva crítica acerca dos usos da linguagem, com vistas a prepará-lo para utilizar esse conhecimento de forma funcional em sua vida.

3. Contexto Pragmático: Público-alvo e gênero textual escolhido

Conhecer a natureza gerativa da língua possibilita aprimorar seu uso em proveito do próprio desenvolvimento intelectual, fator essencial numa sociedade, hoje, globalizada e transformada pelo avanço tecnológico. No presente artigo, o gênero escolhido como objeto de estudo foi Histórias em Quadrinhos, doravante HQ, tanto pela riqueza de possibilidades de uso da língua que este proporciona – por meio de inúmeros recursos e integração de códigos linguísticos, como o visual e verbal, por exemplo - quanto pelo intuito de despertar no aluno o prazer pela leitura. Sob essa ótica, depreende-se que o gênero designado pode instigar a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas e despertar neles o senso crítico, visto se tratar de uma progressão temática breve que apresenta humor – dentre outros fatores, como situações inusitadas com as quais os jovens se identificam, além de revelar, com frequência, uma informação nova, comumente não partilhada pela personagem, fator que encerra o efeito cômico por representar um conhecimento de mundo compartilhado pelo leitor, mas não pelos integrantes da narrativa.



Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/149815125091531269/>.

Antônio Luiz Cagnin, um dos maiores estudiosos das HQ na Universidade de São Paulo (USP), desvela a notoriedade do gênero enquanto valioso componente didático-pedagógico em sala de aula. Nessa vertente, a abertura da obra *As histórias em quadrinhos no Brasil – Teoria e prática*, de autoria de Calazanas (1997, p. 11), elucida a importância de

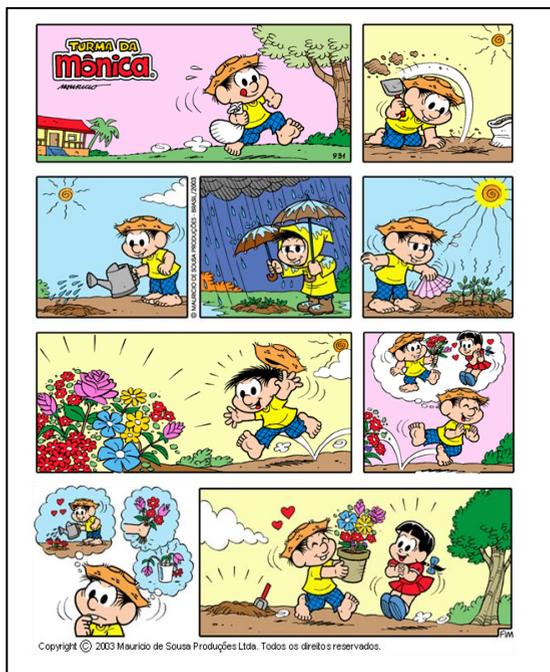
universidades e pesquisadores se aprofundarem em suas análises para a expansão dessa ferramenta de estudo que transcende o entretenimento:

Valorizados estão os quadrinhos, por terem assumido com tanto entusiasmo pelo empertigado e sisudo meio acadêmico, que até então lhes devotava cuidadoso distanciamento para não ver maculado – como julgavam – o conceito de ilustres intelectuais, nem desviar-lhe o interesse para tema tão trivial de criança. Valorizada está a própria universidade ao se voltar para eles, redimensionando a eficácia, a penetração desse nosso meio de comunicação e a sua riqueza enquanto arte e sistema de significação. (CALAZANAS, 1997, p. 11)

Por constituir um meio de comunicação em massa, o gênero HQ propaga informação, entretenimento e até mesmo levanta questões sobre temas transversais, como trânsito, saúde, inclusão, acessibilidade e outros, que compõem o cotidiano da comunidade em que o aluno se encontra inserido, levando em conta a compreensão e contextualização envolvidas no ato da leitura. Ademais, tal proposta ainda abre margem para a reflexão dos alunos sobre tipos de texto, visto que, a princípio, muitos deles não consideram a HQ um texto, já que utiliza muitas imagens, e em certos quadrinhos não consta nada escrito.

Mundialmente conhecido, o gênero em pauta abrange um público diversificado, sendo explorado por crianças e adultos, além de ser comumente utilizado em práticas pedagógicas com fins de alfabetização, letramento, interpretação e produção. Seu conteúdo lúdico proporciona prazer ao leitor ao tempo que possibilita o aprendizado por meio da imaginação e brincadeiras, contribuindo para a formação de leitores críticos.

Explorar com os estudantes as diferenças entre os tipos e gêneros textuais, bem como as possibilidades e recursos para uso da linguagem em situações específicas, relacionando suas variações e associando-as às HQ, pode compor uma ferramenta eficaz para o planejamento do professor em sala de aula. A narrativa a seguir demonstra como um texto pode transmitir uma mensagem sem a emissão de uma única palavra pela personagem, permitindo explorar, em sala de aula, os recursos de linguagem utilizados em sua construção.



Disponível em <https://elpidioproduz.directorioforuns.com/t1-producao-com-tirinhas-do-chico-bento>

4. Associação da personagem ao gênero para análise da linguagem e contextualização

De família tradicional, Chico Bento compõe o perfil do sujeito homem do campo, assim como toda a sua família, pois cuidam da terra, plantam e colhem para se alimentar de maneira saudável. Tem atenção especial com os animais, rios e plantas, dedicando-lhes carinho e tratando-os como se fossem, de fato, membros familiares. Tem coração puro, ingênuo, não gosta de injustiça, adora tirar uma sonequinha após o almoço, é tranquilo e nem com os estudos se preocupa; suas vestimentas são simples, em comparação às roupas da cidade. A personagem foi criada, a princípio, para homenagear os povos ribeirinhos, e permanece encantando e representando o homem do campo com os costumes que compõem um Brasil rural. Nesse contexto, a modernidade e a tradição se correla-

cionam: o contemporâneo é a demarcação do tradicionalismo, assim como o tradicional demarca o contemporâneo.



Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/604960162416636493/>.

Sob essa ótica, o gênero HQ demonstra-se um meio estimulante de comunicação e entretenimento, promissor em fomentar o desejo de ler no ambiente educacional. Tal prática favorece que o gosto pela leitura seja semeado desde o início da vida escolar do estudante, despertando-lhe o senso crítico por meio da interação entre diferentes linguagens e recursos comunicativos. Eisner (2001) defende que:

A leitura da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. (EISNER (2001, p. 8)

Logo, é possível inferir que além de auxiliar no ensino da língua portuguesa, as HQ podem aumentar a motivação dos alunos para o conteúdo das aulas, por utilizarem muitas expressões que fazem parte do cotidiano dos jovens, ao tempo em que tratam de assuntos variados, além de introduzirem, com frequência, palavras novas, permitindo que ampliem o seu vocabulário de forma quase despercebida.



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vho0rp_kSao.

É sabido que há grande quantidade de personagens diferentes nos Estúdios Maurício de Sousa (EMS), e seria demasiado detalhado descrever todos neste momento. Portanto, e não ao acaso, a presente análise deter-se-á a explorar recursos da linguagem por meio das turmas que ilustram histórias nos gibis de Chico Bento. Para a temática deste trabalho, interessa sobremaneira a observação das personagens diretamente relacionadas a Chico e sua turma, haja vista as variações no uso da linguagem e como esta confere autenticidade e sugestiona a identidade das personagens. A proposta revela-se eficaz à medida que sugere a reflexão do aluno acerca do valor das variedades linguísticas e da gama de possibilidades que os recursos da língua portuguesa facultam para o seu uso, conforme o objetivo e contexto apresentados, levando o leitor a reconhecer a necessidade de desenvolver habilidades e competências que possibilitem o domínio e o emprego da língua em diferentes tipos de situações.



(Chico Bento – Tirinha de Maurício de Sousa, 1998)

Além do conhecido fato de Chico Bento viver no campo, o que já o diferencia dos outros integrantes da Turma da Mônica – seja pelo modo de falar caipira, pelas vestimentas, ideologias ou valores, trata-se da única personagem que, nas histórias, frequenta a escola - conjuntura, inclusive, fonte de muitos conflitos permeados de humor na sucessão das narrativas. Entretanto, uma análise cuidadosa demonstra que, nas histórias observadas, a escola de Chico Bento nada mais é do que uma fonte de conflitos com seu desinteresse e aparente incapacidade de estudar.



Disponível em <http://blogdoxandro.blogspot.com/2013/11/tiras-n5218-turma-do-chico-bento.html>



Disponível em <http://blogdoxandro.blogspot.com/2015/09/tiras-n6930-turma-da-monica-mauricio-de.html>

O linguajar característico de Chico Bento pode representar o ponto de partida para sugerir a análise do termo “caipira”. Marly Custódio, em sua dissertação intitulada “Chico Bento em *Pavor Espaciar*: uma abordagem sociolinguística da *Graphic Novel* de Gustavo Duarte”, propõe que o caipira carrega consigo o estigma de um povo simples, que muitas vezes sofre com o preconceito da sociedade; pessoas, geralmente, habitantes do interior do país, com baixo nível de escolarização e modos pouco refinados (como se supõe ser o caipira). Inezita Barroso, renomada cantora da música sertaneja, indica que o termo passou a ser visto como expressão semelhante à brega, mal vestido – quando, na realidade, o caipira sugere aquele ligado a terra, à cultura original (Nepomuceno, 1999), assim como retratam muitas músicas e programas de TV, por exemplo, desmistificando o dialeto caipira e homenageando o homem do campo.

Não obstante a sociedade atual tenha sofrido mudanças em níveis diversos, cuja complexidade lhe confereum caráter tecnológico e globalizado, o desenvolvimento do âmbito rural ainda é questionável. Todavia,

além do dialeto característico, é possível reconhecer no homem do campo outras marcas que identificam sua forma de vida no meio rural, como valores familiares, tradições, amor à natureza e aos animais, como evidenciam os quadrinhos a seguir.



Fragmentos da HQ de Chico Bento

Como já mencionado, as narrativas utilizadas para análise e estudo das variações linguísticas, neste trabalho, baseiam-se nas histórias de Chico Bento. Os quadrinhos acima, por exemplo, ilustram as personagens Rosinha, Chico Bento e Zé Lelé, que vivem na roça, evidenciando o seu falar caipira ao tempo em que preparam uma barraquinha para a quermesse de Natal, situação também característica do contexto elucidado. O conflito da narrativa é iniciado com a chegada de Genesinho, personagem que também morava na roça, mas foi estudar no Rio de Janeiro, retornando, para o Natal, com o dialeto característico da cidade, bem como as marcas da oralidade. É explícita, no decorrer da história, a diferença entre as falas das personagens, assim como as vestimentas, a comida mencionada por cada uma e o estilo de vida, fatores que evidenciam características que denotam marcas da identidade dos sujeitos que compõem a atividade de interação no discurso. O humor da HQ, comumente causado por recursos como ironia e ambiguidade, ou pelo não compartilhamento de determinados conhecimentos de mundo pela personagem, reside no fato de a linguagem utilizada por Genesinho causar estranhamento em Chico, agravado pelo ciúme que este sente de Rosinha com a chegada da personagem, possibilitando uma leitura atrativa e interessante da história, que explora os recursos linguísticos de uma forma agradável e encantadora. É válido ressaltar que as possíveis metodologias a partir

da análise supramencionada sugerem consonância ao referencial curricular vigente nas redes de ensino: dentre muitas outras habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo publicado em 2017 pelo Ministério da Educação (MEC), onde consta o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver ao longo da educação básica, cita-se:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BNCC, 2017)

Sabe-se que um dos principais problemas enfrentados pelos professores em sala de aula é a falta de habilidade dos alunos em compreender e interpretar textos, fator agravado quando confrontados com gêneros menos habituais no âmbito escolar, o que não é diferente quando se trata de histórias em quadrinhos. A narrativa em análise permite supor que as HQ's podem ser uma estimulante e desafiadora fonte de aprendizado, já que o humor se concentra na informação nova, que geralmente não é compartilhada pela personagem, mas faz parte do conhecimento de mundo do leitor.

Desse modo, o estudo das variações linguísticas, associado ao conhecimento de recursos e deleite por meio da leitura de histórias em quadrinhos, pode desmistificar, de forma lúdica e sistemática, por exemplo, o dialeto caipira, revelando seu potencial expressivo enquanto fonte de novas possibilidades de uso da língua, num contexto cujos valores transcendem o estigma de um povo. Para tanto, nas histórias de Chico Bento e sua turma, Maurício de Sousa desenvolve a realidade de seu país de maneira local e regional sem submetê-la à exposição pejorativa, representando o cotidiano da população rural do Brasil de modo a conferir ênfase às questões referentes à cultura e ratificar sua nacionalidade, além de resplandecer o amor pela natureza, o cuidado com os animais, o convívio familiar e a simplicidade da vida.



Disponível em <https://homolog.mundolivrefm.com.br/com-personagens-domauricio-de-sousa-turma-da-arvore-promove-o-plantio-de-arvores-para-ajudar-neutralizar-emissao-de-co%C2%B2/>

Logo, é apropriado supor que a presente pesquisa instiga a reflexão acerca de estudos e análises a partir de vivências significativas, de forma articulada com todas as áreas do currículo e consoante aos interesses e escolhas dos alunos, com vistas a instigar o protagonismo juvenil de forma contextualizada, conforme versa a homologação final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

5. O ensino das variações linguísticas por meio de histórias em quadrinhos

A existência de povos, territórios, países e quaisquer outros lugares sempre justificará o uso de uma língua para expressar valores culturais e marcas da identidade do povo que a utiliza com fins de comunicação, prática imprescindível para a convivência entre sociedades. Saussure (1995[1965], p. 15-23) evidencia que é a partir desse sistema de signos vocais e linguísticos que o falante dispõe de inúmeras possibilidades de recursos e combinações que lhe permitem optar pelo emprego de diversas variações no processo de comunicação presente num contexto histórico da linguagem de uma determinada sociedade, motivado por aspectos sociais, valores regionais, linguísticos e econômicos que transitam numa fronteira entre tempo e espaço e moldam vários aspectos de sua identidade por meio do uso da linguagem. Breve análise da tirinha a seguir supõe as diferenças entre moradores de regiões distintas (campo e cidade), reveladas não apenas na linguagem, mas em outros aspectos e valores, além do fato incomum de Chico Bento estar usando botas para visitar a cidade, já que na roça ele está sempre com os pés descalços.



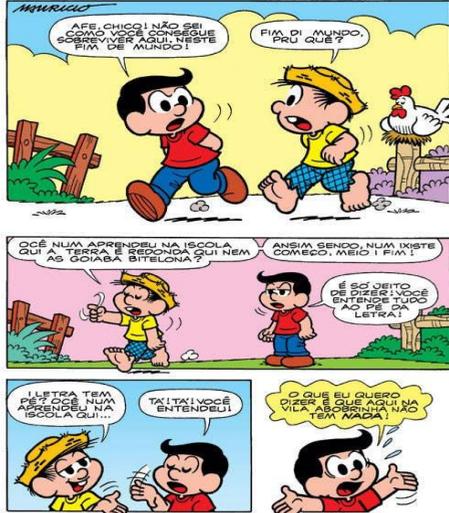
Disponível em <https://twitter.com/chicobento0/status/1030931399279304711?lang=gl>

Ao tempo em que a língua tem a finalidade de comunicar e, sendo ela um instrumento, é natural que as pessoas a utilizem de forma diversificada, de acordo com suas necessidades e com o contexto em que estão inseridas. Esse caráter variável de uso da língua pode ser encontrado até mesmo na fala de uma única pessoa. Celso Cunha, em “Uma política do idioma”, sugere que:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção. (CUNHA, 1964)

Sabendo que variação é uma característica constitutiva da língua portuguesa, e considerando que os falares ocorrem de maneira distinta entre os falantes de uma determinada comunidade, já que a língua varia no tempo e espaço, nota-se a importância de reconhecer as variações existentes nas diferentes regiões do País, como também no próprio indivíduo enquanto falante de um determinado código, haja vista que este é inerente ao sistema linguístico. (QUEIROZ, 2015)

Chico Bento em PRIVILÉGIOS da CIDADE



Disponível em <https://www.buzzfeed.com/br/florapaul/os-esquecidos-da-turma-da-monica>

Em todos os níveis da fala pode ocorrer variação, seja variação fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical ou estilístico-pragmática, influenciada por fatores linguísticos ou extralinguísticos, como já mencionado na presente pesquisa, além do estilo pessoal do indivíduo, já que cada ser é único e possui sua maneira particular de falar. Importante mencionar a necessidade de combater o “juízo moral” sobre a variante culta da língua, muitas vezes tida como “correta” em detrimento das demais variantes, por ser compartilhada por atores sociais de classes dominantes, como intelectuais, escritores, jornalistas, artistas, instituições oficiais, e órgãos de poder. Os diversos tipos e níveis de variação linguística auxiliam na identificação das personagens da narrativa, uma vez que revelam características do contexto e dos envolvidos naquela interação discursiva – como idade, escolaridade, região geográfica, posição e prestígio social, objetivo e situação da comunicação, como exemplifica a tirinha a seguir:



Disponível em VIEIRA, Shirley. *A metáfora textual nos quadrinhos do Chico Bento*.

Tangente ao exposto, é coerente inferir que o ensino das variações linguísticas por meio das HQ atesta um efeito muito positivo e promissor em sala de aula, visto que os estudantes podem refletir, de forma lúdica, acerca das influências da linguagem enquanto meio de comunicação variável conforme o contexto, bem como sobre o rol de recursos que esta possibilita para a interpretação das críticas levantadas, intertextualidades e uso de multimodalidades, além de estimular o gosto pela leitura. Ademais, essa disposição lhes percebe, ainda, abertura para criar narrativas e efeitos de sentido, valorizando o protagonismo do aluno e a liberdade para utilização da língua nas mais diversas situações, tudo isso a partir do conhecimento e domínio da linguagem. Para Ramos & Vergueiro (2009):

[...] o mundo que envolve a área de ensino da Língua Portuguesa (...) tem nas histórias em quadrinhos um forte e pertinente apoio didático. Pois, elas representam contextos reais de uso da Língua Portuguesa; retratam, a seu modo, a sociedade na qual estão inseridas, sendo pertinente a sua análise. (RAMOS; VERGUEIRO, 2009, p. 85)

Mediante o exposto, é notório que explorar o gênero em questão pode representar um meio de proporcionar aos alunos a visão de que há várias formas de se estabelecer a comunicação além da linguagem verbal, conceituando e exemplificando o uso de recursos linguísticos a partir de aulas mais dinâmicas e sem expor o estudante a algo distante de sua realidade. Tal fator demonstra que investir em metodologias diferenciadas pode, sim, gerar resultados positivos, contribuindo para que o ensino-aprendizagem ocorra de forma interessante e agradável no âmbito escolar.

Dessa forma, verificamos que a proposta deste artigo pode, além de viabilizar momentos singulares para a prática da leitura, seja por material físico, projetor integrado, tablets ou outros recursos tecnológicos,

abrir espaço para discussão das características das personagens, linguagens utilizadas, vestimentas, lugar onde moram, valores, bem como sua relação com os demais conceitos abordados durante a aula, estimulando-os a refletir sobre a forma como tais aspectos influenciam na formação de sua identidade, de modo que reconheçam a importância de desenvolver habilidades e competências que lhes possibilitem distinguir o grau de formalidade adequado a cada situação, bem como a relevância do conhecimento da gama de recursos linguísticos para o uso nos mais diferenciados contextos, inclusive sua importância em situações formais do dia a dia, dada a liberdade e poder que esta lhe confere.



Disponível em <http://www.guiadosquadrinhos.com/educacao/colecao-um-tema-so-n-34/co003101/32697>.

6. Considerações finais

Em face dos apontamentos realizados, revela-se a magnitude teórica e metodológica dos estudos sobre o uso da língua, base da socialização do indivíduo quando exposto a situações de comunicação, as quais o possibilitam refletir sobre o emprego dos itens lexicais conforme o contexto apresentado, como também viabilizar produções discursivas concretas cuja identidade seja perceptível pelo sentido – a partir da estrutura, marcas e características que a autorizam. Assim, faz-se viável a construção de estratégias metodológicas que proponham parâmetros para a análise do conteúdo supramencionado por meio do gênero HQ, prática ainda pouco utilizada no meio educacional, mas promissora no âmbito de sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo. Edições Loyola, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. Abr. 2016b. Disponível em: <Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio> >
- CALAZANAS, Flavio M. A. (Org.). *As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática*. São Paulo: Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 1997.
- CUNHA, Celso. *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- NEPOMUCENO, Rosa. *Música caipira da roça ao rodeio*. São Paulo: Ed. 30, 1999. (Coleção todos os cantos)
- POSSENTI, S. (2013). Notas sobre a questão da autoria. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 32, p. 239-250. Disponível em: <Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga32/arqs/matraga32a13.pdf> >.
- QUEIROZ, Silmara Silveira Lemes Sampaio. *Variação linguística e preconceito na fala de peões de comunidades rurais na região de Nova Andradina-MS: uma análise sociolinguística das variantes utilizadas*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande-MS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015.
- RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed., 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.